



SEÇÃO TEMÁTICA

Invited Paper – Um passo atrás: minha caminhada em Psicologia da Religião

Invited Paper – *A Step Back: My Journey in the Psychology of Religion*

Geraldo José de Paiva*

Resumo: Inspirado por *Taking a Step Back*, organizado por Belzen e Wikström, e por *Psychology of Religion: Autobiographical Accounts*, de Belzen, revejo meu percurso em Psicologia da Religião: início do interesse, a influência de Heider, a disciplina na pós-graduação e na graduação, o estágio de pós-doutoramento em Louvain-la-Neuve, o contato com eminentes pesquisadores europeus, a orientação de mestrados e doutorados na área, a criação do Grupo de Trabalho (GT) “Psicologia & Religião”, da ANPEPP e do Laboratório de Psicologia Social da Religião, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), as pesquisas apoiadas pelo CNPq, a participação em congressos nacionais e internacionais, a aquisição de livros e periódicos de Psicologia da Religião para a Biblioteca do IPUSP. Apresento, em seguida, tópicos que gostaria de ter encaminhado de outra forma, senão no passado, para o futuro, se não meu, de quem se interessar pelo tema.

Palavras-chave: Psicologia da Religião; Docência em Psicologia da Religião; Pesquisa em Psicologia da Religião; GT Psicologia & Religião; Perspectivas futuras em Psicologia da Religião.

Abstract: Inspired on Belzen and Wikström’s *Taking a Step Back* and Belzen’s *Psychology of Religion: Autobiographical Accounts*, I review my journey in the Psychology of Religion: the beginning of my interest, Heider’s influence, my teaching in graduation and undergraduation courses, my post-doctorate in Louvain-la-Neuve, the contact with eminent European researchers, my role as an adviser for theses and dissertations, the creation of the ANPEPP’s Work Group “Psychology & Religion”, and of the Laboratory of Social Psychology of Religion, at the Institute of Psychology–University of São Paulo (IPUSP), my research supported by CNPq, the participation in national and international conferences, the acquisition of books and journals for the IPUSP’s Library. Finally I present topics that I would like to have developed in another way, if not in the past, then in the future, if not mine, of someone interested in the area.

Keywords: Psychology of Religion; Teaching of the Psychology of Religion; Research in the Psychology of Religion; Work Group “Psychology & Religion”; Future prospects for the Psychology of Religion

* Professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo. Coordenador do Laboratório de Psicologia Social da Religião do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Contato: gjdpaiva@usp.br

Introdução

Em 1997, Jacob A. Belzen e Owe Wikström, respectivamente da Universidade de Amsterdã e da Universidade de Uppsala, publicaram um livro com as reflexões de importantes estudiosos de Psicologia da Religião da Europa e dos Estados Unidos. Como organizadores do volume intitulado *Taking a Step Back – Assessments of the Psychology of Religion*, solicitaram que “dessem um passo atrás”, isto é, que fizessem uma avaliação de seu percurso de pesquisa nessa área, e expressassem o que eventualmente mudariam neste percurso, caso recomeçassem a pesquisa.

Mais recentemente, com objetivo semelhante, Belzen organizou um outro livro, *Psychology of Religion: Autobiographical Accounts* (2012), com os relatos autobiográficos de vários estudiosos do tema, alguns deles dos mesmos de *Taking a Step Back* (1997).

Solicitado a tentar o mesmo percurso retrospectivo, penso dever começar por meu interesse em Psicologia da Religião.

Histórico

Em 1984, recebi de uma colega que fazia especialização na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, um livro que me encantou. O livro intitulava-se *Religion, Foi, Incroyance. Étude psychologique* (Religião, Fé, Descrença. Estudo Psicológico). E seu autor me era desconhecido: Antoine Vergote (1983). Anteriormente a esse fato, nunca havia pensado em pesquisar Psicologia da Religião e, a bem dizer, nem sabia de sua existência.

Naturalmente o livro não foi semeado em terra árida, pois, de diversas formas, desde a infância e a família, o tema *religião* não só não me era estranho, como estava presente na vida.

Nesse tempo eu já era docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo havia sete anos e oferecia disciplinas de pós-graduação relacionadas à pesquisa intercultural e a alguns conceitos e teorias da Psicologia Social, como a tendência ao equilíbrio e a atribuição de causalidade propostos pelo psicólogo austríaco Fritz Heider.

Foi justamente Heider quem me inspirou a propor uma disciplina ligada à Psicologia no tema da religião. Uma obra importante desse autor, *Psicologia das Relações Interpessoais* (1958/1970), fazia a análise da Psicologia da vida cotidiana, ou do homem comum, ou mesmo dos psicólogos, quando não estão a fazer Psicologia (como acontece, não raro, nas discussões de Departamento na universidade). Pensei: que coisa mais cotidiana existe do que a religião na vida das pessoas?

Propus-me, então, e ao meu Departamento, organizar uma disciplina de pós-graduação intitulada Psicologia da Religião. Fundamentei o programa com base nos

conceitos fundamentais de Heider: percepção, análise da ação e atribuição de causalidade, sentimento e tendência ao equilíbrio. A proposta não foi aprovada pelo Departamento. O motivo da não aprovação, contudo, me surpreendeu: havia muito de Psicologia Social e pouco de religião.

Refiz, então, a proposta e apresentei-a um ano depois, cuidando de introduzir conteúdos clássicos da área, buscados em autores europeus. A proposta foi aprovada.

Surpreendeu-me a receptividade da disciplina por parte dos colegas. Exceto alguma brincadeira ligada a “aula de religião” ou “catecismo”, não ouvi nenhuma crítica em relação seja ao tema, seja a seu tratamento por parte da Psicologia.

Passsei a oferecer a disciplina Psicologia da Religião e, algum tempo depois, Psicologia Social da Religião no nível de pós-graduação.

Devo registrar aqui, pouco depois do início da disciplina, meu estágio de pós-doutorado em 1988/89 no *Centre de Psychologie de la Religion*, em Louvain-la-Neuve. Aí tive a oportunidade não só de consultar e estudar as cerca de 300 dissertações e teses na área de Psicologia da Religião, como de entrar em frutuoso contato com o Prof. Antoine Vergote e com seus colaboradores no Centro de Psicologia da Religião, em Leuven e Louvain-la-Neuve. O estágio de pós-doutorado consolidou meu preparo na área, em conceituação, teoria e método.

Nos primeiros anos de oferta da disciplina na pós-graduação, tive alunos de diversas faculdades e institutos da Universidade de São Paulo, mas quase nenhum do curso de Psicologia. Dei-me conta, depois de algum tempo, de que os alunos da graduação em Psicologia estavam aparentemente imunizados em relação à temática religiosa, que lhes era apresentada seja como assunto pessoal extracientífico, seja como patologia neurótica. Imaginei, então, oferecer uma disciplina optativa a esses alunos. A resposta foi extraordinária: durante muitos anos a disciplina foi procurada por um número muito elevado de graduandos, sem excluir interessados de outras áreas da Universidade, obrigando-me, uma vez, a dividir em duas classes de perto de 60 alunos cada uma, os que haviam confirmado a matrícula na disciplina.

A partir da ministração da disciplina na graduação, aumentou substancialmente a procura por ela por parte de graduados em Psicologia, que passaram a constituir a grande maioria dos alunos. Disso resultou um número apreciável de pesquisas de mestrado, de doutorado e até de pós-doutorado em Psicologia da Religião. Naturalmente fui o orientador dessas dissertações e teses, que consistiram, todas, em pesquisas empíricas calçadas nas teorias propostas na disciplina.

Com o correr do tempo, entrei em contato com colegas interessados na dimensão psicológica da religião. Foram os seguintes: Marília Ancona-López, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Gilberto Safra, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, José Paulo Giovanetti e Miguel Mahfoud, da Universidade

Federal de Minas Gerais, e Mauro AmatuZZi, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Propus, então, em 1997, à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), a criação do Grupo de Trabalho (GT) “Psicologia & Religião”, que foi aceita. Desde então o GT passou a frequentar, com uma única exceção, todos os Simpósios da Associação. Como se sabe, a manutenção de um GT na ANPEPP é avaliada constantemente, levando em consideração a inserção de seus membros em programas de pós-graduação em Psicologia e, particularmente, os projetos e as publicações do Grupo.

Muito rapidamente o GT foi ampliando o número de participantes e de universidades envolvidas. Com o aumento da massa crítica, foi possível organizar Seminários denominados “Psicologia e Senso Religioso”. Tais seminários bienais, que já estão em sua décima primeira edição, têm congregado pesquisadores nacionais e internacionais, e resultaram em livros especializados, além de outras publicações.

No ano de 2004, com participantes já doutorados ou doutorandos, da Universidade de São Paulo e de outras Universidades, criei, no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do IPUSP, um Laboratório de Psicologia Social da Religião, atuante na pesquisa em Psicologia da Religião. Várias de suas pesquisas receberam o aval e o financiamento do CNPq. Pela mesma época registrei, no CNPq, o Grupo de Pesquisa “Psicologia & Religião”.

Ao aposentar-me, em 2006, da Universidade, tive o conforto de saber que o Departamento recebera da Reitoria uma vaga para Psicologia da Religião, vaga atualmente ocupada pelo Prof. Wellington Zangari, ex-orientando meu e meu sucessor.

De alguma forma cuidei da internacionalização do GT e do Laboratório, tornando conhecidas suas pesquisas a estudiosos europeus e norte-americanos nos fóruns internacionais, primeiramente dos *European Psychologists of Religion* e, atualmente, da *International Association for the Psychology of Religion*.

Esses fóruns levaram-me a vários países e me puseram em contato com muitos pesquisadores de diversas procedências locais e intelectuais. Além dos fóruns, devo acrescentar algumas oportunidades que me surgiram de apresentar estudos de Psicologia da Religião realizados no Brasil, em congressos na Itália, França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e Japão.

Voltado para o que se faz, na área, em outros países, cuidei que a Biblioteca do IPUSP fosse abastecida com bom acervo de livros e com a assinatura dos mais importantes periódicos, a saber, o *Journal for the Scientific Study of Religion* e o *The International Journal for the Psychology of Religion*.

Nestes anos todos, ocupei-me com alguns temas da área, tanto na docência como na pesquisa: teorias e conceitos de Psicologia da Religião; história da Psicologia da

Religião; experiência religiosa; relação entre cientistas e religião; religião e espiritualidade; identidade religiosa psicossocial; produção científica em Psicologia da Religião no Brasil; filiação de brasileiros a Novas Religiões Japonesas e aos budismos; religião e literatura, particularmente em Shusaku Endo; enfrentamento religioso no estresse, na doença e na síndrome do HIV; religião e cultura; religião e biologia; educação religiosa, religião e culpa; religião e laicidade; religião e estética. Os trabalhos publicados nesses tópicos estão referidos em minha página do CNPq. Além desses trabalhos, sob a forma de artigos ou de capítulos de livros, iniciei um livro de Psicologia da Religião, com os seguintes tópicos: conceito, história, objeto e método da Psicologia da Religião; experiência religiosa; motivação religiosa; desenvolvimento religioso; construção social da religião; atos religiosos específicos: a prece e o rito. Sustei a continuação da obra e não vislumbro sua conclusão, apesar de incentivos de colegas, que até se propõem a colaborar com ela.

Perspectivas

Feita a apresentação do que andei estudando nesses trinta anos, reflito no que poderia ter sido mudado nesse percurso, ou o que eu mudaria na continuação dele, não estivesse entrando nos oitenta.

Em primeiro lugar, intensificaria o estudo do comportamento religioso comum. Esse é, realmente, o comportamento que importa na vida das pessoas e da sociedade. Hjalmar Sundén (1966), da Universidade de Uppsala, me abriu os olhos para a simplicidade desse comportamento, confirmando o que Heider já propusera para o comportamento em geral. Não é muito necessário, a não ser como certa curiosidade, estudar visões e aparições, estigmatizações e levitações, êxtases e desfalecimentos: esses são fenômenos periféricos em comparação com o essencial do comportamento religioso, a saber, o contato com Deus. A Psicologia da Religião não estuda Deus nem a realidade objetiva do contato com Deus, mas estuda o comportamento humano intencionado para Deus. Essa intenção, ou direção, em suas condições, correlatos e consequências, é o objeto da Psicologia da Religião. Valendo-me dos numerosos estudos de Ralph Hood Jr. (2001), eu proporia como objeto da Psicologia da Religião o estudo da experiência mística, entendida simplesmente como contato com Deus, acessível a todos que professam uma religião. Considero essa preferência resultado da influência determinante de Heider, que, se não foi tão invocado em meus estudos de Psicologia da Religião ao longo dos anos, inspirou-me o interesse essencial pela Psicologia da Religião comum e cotidiana.

Em segundo lugar, mantendo o entendimento substantivo da religião, e não seu entendimento funcional, eu estudaria de preferência o Catolicismo e o Cristianismo

Evangélico, que são a opção religiosa mais frequente dos brasileiros. Não excluiria a dimensão de sincretismo presente em boa parte dessa opção, mas procuraria entender melhor a estruturação simbólica, e não apenas imaginária, desse Catolicismo/Cristianismo Evangélico.

Em terceiro lugar, tangenciando a epistemologia, concordaria com a posição de alguns respondentes de Belzen (2012), a saber, a necessidade de o pesquisador crer pessoalmente na realidade divina, para encontrar motivação no estudo e não pesquisar quimeras. Esse posicionamento não me parece infringir o princípio da exclusão metodológica do transcendente, pois o pesquisador continuaria investigando o psíquico no religioso, e não o religioso no psíquico. Tampouco excluiria o estudo do ateísmo, mas garantiria a ele alguma realidade do que rejeita.

Em quarto lugar, sob o aspecto metodológico, procuraria utilizar melhor os recursos quantitativos, sem abdicar dos métodos qualitativos, integrando mais as duas abordagens, no espírito e na prática dos Centros de Psicologia da Religião de Leuven e de Louvain-la-Neuve. Ainda penso que o método qualitativo alcança melhor o objeto da Psicologia da Religião, mas alguma generalização da pesquisa só é alcançada com o auxílio da quantificação. Não me esqueço, contudo, de uma palavra de Vergote, síntese dos dois métodos, que lhe ouvi repetir algumas vezes: *“a vida da pessoa é o melhor experimento”*.

Em quinto lugar, em relação à(s) Ciência(s) da Religião, procuraria pós-secularizar a Psicologia da Religião, como, aliás, todas as perspectivas desta(s) ciência(s). Entre parênteses, esclareço que há controvérsia acerca do singular ou do plural no estudo científico da religião. Creio que a raiz dessa controvérsia consiste na ênfase que se dá ou à multiplicidade das ciências que estudam a religião, ou à religião, que é o objeto de todas elas. Em todo caso, parece-me que a opção pela experiência de Deus, ou experiência mística, não se compõe com o olhar naturalista, extremamente neutro, embora benevolente, do pesquisador. Atualmente, essa benevolência por vezes assume a coloração da condescendência, resultado de longos anos da instrumentalização da razão e resquício das posições reducionistas de Durkheim e de Freud. Sei que essa perspectiva não será compartilhada por muitos pesquisadores, a quem respeito. Mas é, atualmente, a minha.

Em sexto lugar, gostaria de aprofundar o conceito de ilusão, aplicado por Freud (1927/1987) à religião. Reconheço a grande importância de Freud para o estudo da religião. Nisso sou devedor a Vergote que, sem ceder em sua convicção religiosa, enxergava em Freud o melhor observador e intérprete dos processos psíquicos envolvidos no comportamento religioso. Freud fala da religião como de uma ilusão, isto é, uma realização fantasmática do desejo. Esse conceito já recebeu um tratamento diferente por parte de Winnicott (1971/1975) e passou a denotar uma etapa

intermediária entre o autismo e a realidade fora da pessoa. Nessa acepção, a ilusão se aproxima do símbolo, algo entre o já e o ainda não, e se distancia do conceito freudiano. Mas não seria o desejo, mais do que isso, uma antecipação da realidade? Seria o desejo apenas uma *passion inutile*, uma cenoura amarrada ao varal da carroça à frente da cabeça do animal, jamais alcançada, mas perseguida sem descanso? Apelaria, então, à Psicologia Cognitiva contemporânea, para a qual a emoção despertada pelo desejo antecipa o que a mente vai conhecer. E lembraria o poeta, quando escreve “*Quando te vi, amei-te já muito antes / Tornei a achar-te quando te encontrei*”. (Pessoa, 1966, p. 126).

Considerações finais

Finalmente, me pergunto a quem interessa a Psicologia da Religião. Ainda creio que interessa a vários enfoques psicológicos. A personalidade, seu desenvolvimento, a interação social, a psicopatologia podem ser convocadas para a compreensão da pessoa religiosa e essa, por sua vez, pode alargar, de maneira *sui generis*, o campo dos fenômenos de que se ocupam aqueles enfoques. Perguntar desse interesse é perguntar pelo futuro da Psicologia da Religião. Sempre observei que é assimétrico o interesse por essa área de estudo. Os interessados nela são muito mais os religiosos do que os cientistas ou, em particular, os psicólogos. É, aliás, conhecida a “distância acadêmica” em relação à religião destes últimos (Paiva, 2000). Não encaro, pois, como impossível ou improvável um futuro incerto para a Psicologia da Religião, a reproduzir épocas em que a disciplina praticamente deixou de existir. De outro lado, o crescente interesse pela saúde, pela política, pela laicidade do Estado, pela cultura popular, tem aberto espaço para a religião e para a colaboração da Psicologia. Desse ponto de vista, o futuro é mais promissor. Talvez venha a acontecer, além disso, a solicitação aos psicólogos, por parte dos responsáveis pela iniciação e pela educação religiosa, de estudos sistemáticos e aprofundados das condições psicológicas da experiência religiosa ou mística. Se isso acontecer, parece estarmos voltando à situação primeira da Psicologia da Religião na Escola de Dorpat, e, sem abandonar os progressos conseguidos, estarmos a realizar um retorno às fontes defendido por David Wulff (2003).

Referências

BELZEN, Jacob A. (Ed.) *Psychology of Religion*. Autobiographical accounts. Nova York: Springer, 2012.

BELZEN, Jacob A.; WIKSTRÖM, Owe. (Ed.) *Taking a step back*. Assessments of the Psychology of Religion. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1997.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago. [Texto original *Die Zukunft einer Illusion* escrito em 1927.]

HEIDER, Fritz. *Psicologia das relações interpessoais*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1970. [Edição original: *The Psychology of interpersonal relations*. Nova York: J. Wiley & Sons, 1958.]

HOOD Jr., Ralph W. *Dimensions of mystical experiences*. Empirical studies and psychological links. International Series in the Psychology of Religion. Amsterdam/Nova York: Rodopi, 2001.

PAIVA, Geraldo José de. *A religião dos cientistas: uma leitura psicológica*. São Paulo: Loyola, 2000.

PESSOA, Fernando. A falência do prazer e do amor. *Poemas Dramáticos*, XXI, Obras Completas de Fernando Pessoa. Lisboa: Atica, 1966, pp.126s

SUNDÉN, Hjalmar. *Die Religion und die Rollen*. Eine psychologische Untersuchung der Frömmigkeit. Berlim: A. Töpelmann, 1966.

VERGOTE, Antoine. *Religion, foi, incroyance*. Étude psychologique. Bruxelas: Mardaga, 1983.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. [Edição original: *Playing and reality*. London: Tavistock, 1971.]

WULFF, David M. A field in crisis: is it time for the psychology of religion to start over? In: ROELOFSMA, Peter H. M. P.; CORVELEYN, Jozef M. T.; Van SAANE, Joke W. (Ed.) *One hundred years of Psychology of Religion*. Issues and trends in a century long quest. Amsterdam: VU University Press, 2003, pp.11-32.

Recebido: 01/02/2017

Aprovado: 14/03/2017